



A difícil arte de (des)agradar

Em dezembro de 2018, o Ministério da Fazenda publicou um [texto de 38 páginas](#) listando os desafios que o governo seguinte enfrentaria na área econômica, destacando “a necessidade de consolidar a agenda de reformas estruturais que garantam o crescimento sustentável do país, com ganhos de produtividade”.

O texto cita as “quatro dimensões” nas quais o país precisa evoluir para retornar a taxas relevantes de crescimento e reduzir a pobreza e desigualdade: **equilíbrio fiscal, produtividade, estabilidade institucional e igualdade de oportunidades com redução da pobreza**. O texto ressalta ainda que destas, a primeira dimensão (equilíbrio fiscal) é a mais importante, influenciando diretamente as outras três.

E o que é necessário para se obter o sonhado equilíbrio fiscal? Equilibrar receitas e despesas! Essa equação matematicamente simples é, contudo, politicamente complexa. Receitas são aumentadas através de maior produtividade — o que implica menores custos trabalhistas (para desagrado da maioria dos trabalhadores) e maior competição na indústria (desagradando muitos empresários). Ou aumentando os impostos (desagradando a todos).

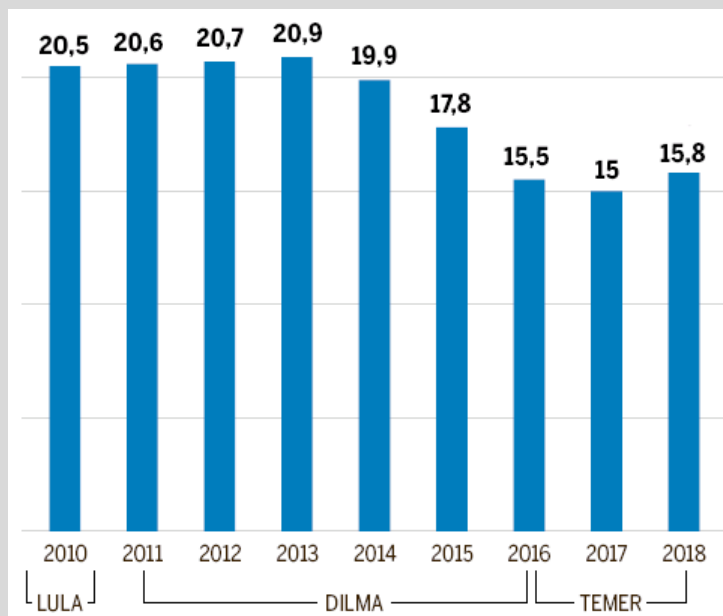
Despesas são reduzidas diminuindo os custos da máquina governamental, seja em salários e pensões (desagradando os funcionários públicos), seja nas despesas em setores como saúde, educação e segurança públicas (desagradando a todos).

Por outro lado, investimentos deixam todos felizes: geram empregos para os trabalhadores e lucros para os empresários. Porém projetos para novas estradas, portos, usinas elétricas, construção civil etc. só saem do papel se houver dinheiro para construí-los. E esse dinheiro precisa vir ou do governo ou do setor privado.



*Quanto mais amargo,
melhor o remédio.*

(dito popular)



% do PIB destinado ao investimento (fonte: Jornal O Globo).
Essas taxas são consideradas baixas, mesmo na América do Sul.

O governo só terá dinheiro se tiver saldo positivo em suas contas. E o setor privado (nacional ou estrangeiro) só investirá se considerar baixos os juros e o risco-país. Esses, para caírem, dependem do equilíbrio fiscal. E assim retornamos ao ponto inicial.

No final, o governo precisará decidir a quem desagradar, se quiser que todos fiquem felizes. No momento, o governo optou por desagradar os trabalhadores a caminho de se aposentarem, através da reforma previdenciária. É um grupo amplo, mas não tão grande ou poderoso quanto outros. E o impacto nas contas públicas será grande, mas não imediato.

Terá sido uma boa escolha? A conferir.

Você sabia que os clientes do Escritório Virtual Espaço 2D podem receber suas mensagens e recados simultaneamente pelo WhatsApp, sem qualquer custo adicional?

Entre em contato conosco para definir em quais números de celular gostaria de receber suas mensagens.